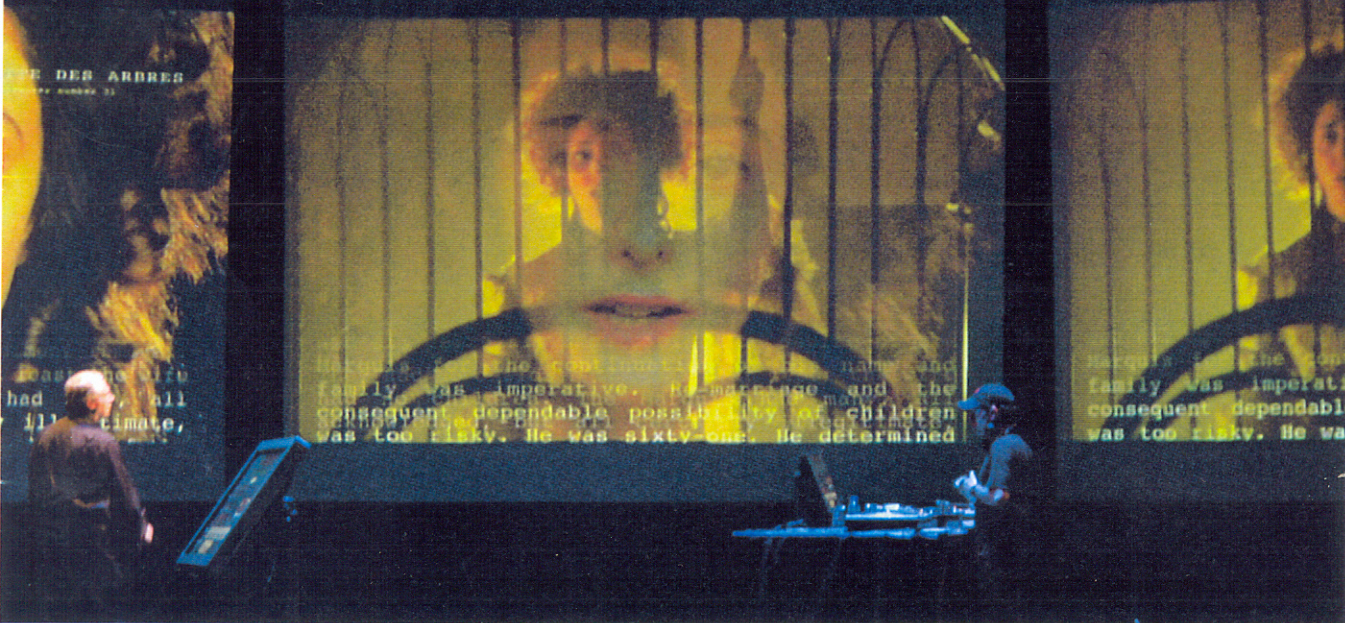


16° Videobrasil

Fragmentos de Peter Greenaway



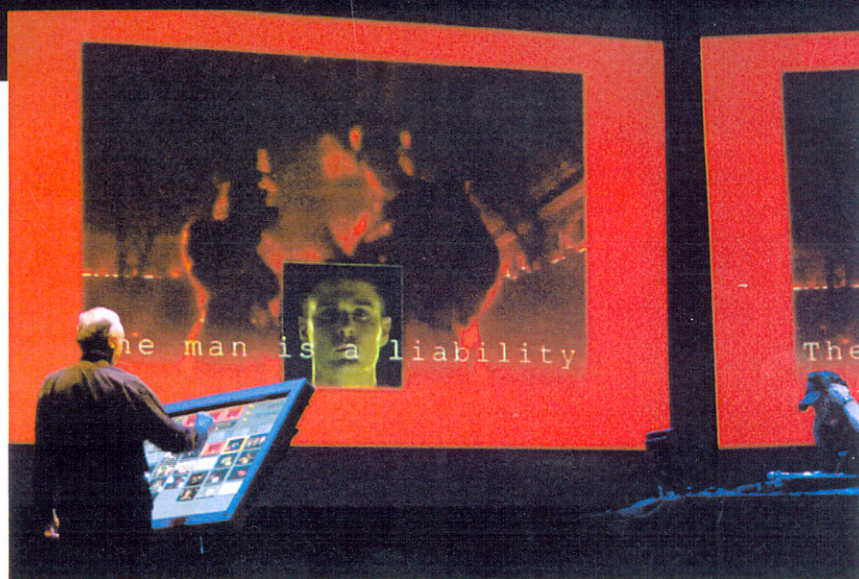
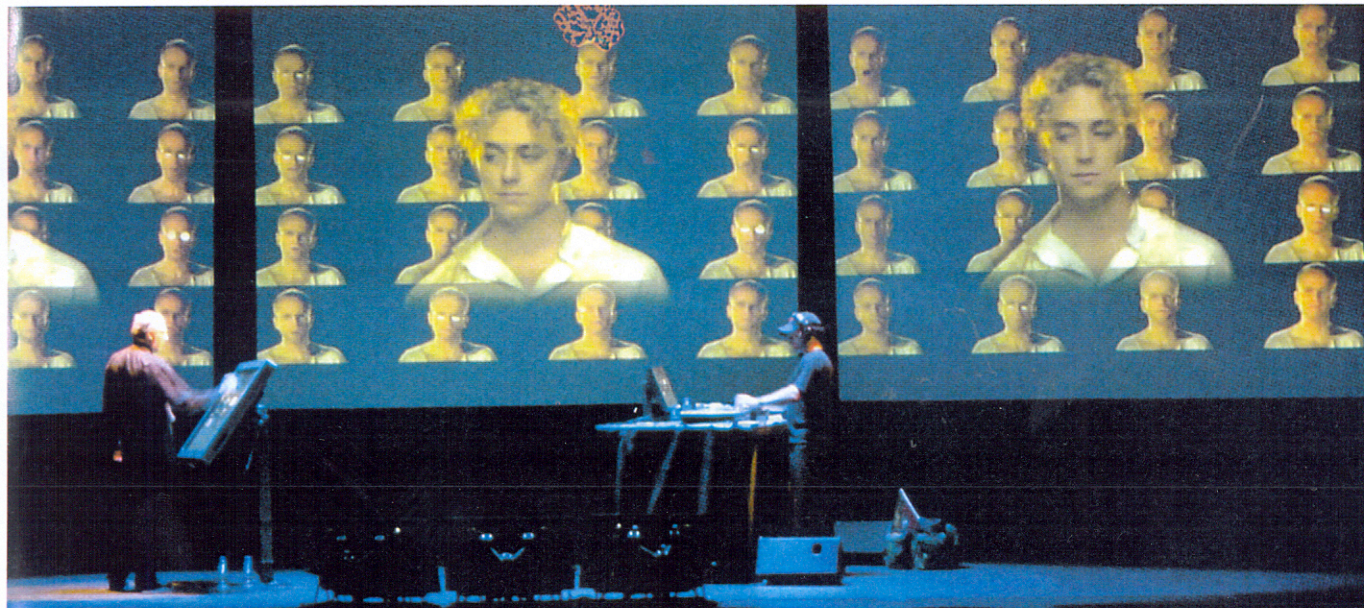
Cineasta britânico vem ao Brasil com série de filmes inéditos que participarão da nova edição do mais importante festival internacional de arte eletrônica do País

por Silas Martí

Quem passar pela Avenida Paulista, em São Paulo, em 1º de outubro, poderá ser “atingido” por um fragmento de cinema ou farpas audiovisuais. O diretor Peter Greenaway, convidado do 16º Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil, vai retalhar



LUIZ DUVA: Incorporação da performance ao vivo e da criação coletiva



PETER GREENAWAY: criador da linguagem que transformou o cinema em suporte para as artes visuais, o diretor de *A Barriga do Arquiteto* abre a edição do festival

em cenas e reeditar sua série de filmes *The Tulse Luper Suitcases* numa performance ao vivo em plena avenida. É a abertura da mostra que pretende trilhar a fricção entre cinema e artes visuais e promover debates sobre a simbiose dos gêneros na capital paulista.

Embora a mostra expositiva esteja marcada apenas para outubro, o público pode conferir debates e exposições exclusivas dos filmes em cartaz nesta edição do Videobrasil a partir deste mês, quando começa uma série de palestras com artistas convidados e seminários sobre os rumos da arte em vídeo. Com o enfoque na idéia do documentário como território interdisciplinar, participam do primeiro ciclo de palestras os artistas Luciano Mariussi, Alice Miceli e

Maurício Dias e Walter Riedweg.

“O vídeo pode transformar atitudes por sua natureza híbrida, por trabalhar entre os suportes, subverter e fundir estéticas. É um catalisador formal de mudanças, que aponta para um rompimento, destrói certas convenções, quer se relacionar com o espaço físico e expandir conceitos de projeção”, explica a curadora do Videobrasil, Solange Farkas.

Ela esteve à frente de todas as edições do festival desde a inauguração, em 1983, e agora quer quebrar os moldes e mostrar os proces-

sos por trás do evento. Enquanto conversava com a reportagem de **Bien'Art** num dia quente de verão em seu escritório na Lapa, Solange orientava artistas do mundo todo por meio de mensagens instantâneas e frisava a importância de mostrar detalhes das obras e da montagem do festival para o público.

“O festival é a explosão de uma pesquisa. É dar uma cara física a uma pesquisa, porque se trata de uma coisa processual. Queremos dar cara a um processo. Esse festival é uma investigação aprofundada sobre a contaminação do



ODENBACH: linguagem documental discute racismo e imigração

CAO GUIMARÃES: reflexão sobre o tempo por meio de sete minutos de uma jornada

cinema pelas artes visuais, partindo de Man Ray e passando por Andy Warhol, até chegar aos dias de hoje”, diz Solange.

Cineasta é marco da fronteira entre artes visuais e cinema

As conversas entre a curadoria e o cineasta Peter Greenaway, principal convidado da mostra, serão publicadas em um blog, com estreia prevista para este mês.

Além da performance de abertura, o artista ocupará grande parte do espaço expositivo do Sesc Paulista com uma megainstalação: serão 92 maletas com 92 objetos colecionados por Tulse Luper, personagem do diretor que hoje viaja o mundo aos 92 anos de idade. Por meio do blog, o público poderá acompanhar a montagem do trabalho e dar sugestões. “Quando se pensa em artes visuais e cinema, o Greenaway é o primeiro nome que vem à mente”, explica Solange.

Com artistas como Detanico & Lain, Luiz Duva e Cao Guimarães, consagrados no Brasil, é fato que o País tem certa tradição na produção de arte em vídeo. Duva, que foi pre-

miado com uma residência artística na França pela instalação *Tríptico: Estudo para Auto-Retrato 1*, exposta no 15º Videobrasil (2005), é um exemplo de artista brasileiro que já incorporou performances ao vivo e a criação coletiva, com ênfase no processo e não no resultado.

Segundo a curadora, o foco de Greenaway, que serve de estrutura para o 16º Festival, está na narrativa e não apenas na experiência estética. O que ele faz, segundo os curadores, não deixa de ser cinema.

“Peter Greenaway quer quebrar o paradigma da exibição passiva de filmes em sala escura. Ele constrói um novo produto audiovisual ao vivo, usando o momento como parte da construção narrativa. A idéia é mostrar um cinema no qual a sala escura já não dá mais conta”, defende Solange.

Como contraponto à participação performática de Greenaway, o videoartista alemão Marcel Odenbach é outra figura central do festival. Com uma linguagem documental ancorada na discussão de temas como racismo e imigração, ele participa da mostra com

outra grande exposição individual, que deverá contar com cinco ou seis instalações e um trabalho novo. O Sesc Paulista vai abrigar as obras destinadas ao espaço expositivo, enquanto filmes em película terão exibições no CineSesc.

Também são destaque do Videobrasil as criações dos premiados com residências artísticas na última edição do festival, em 2005. Os vencedores foram os brasileiros Cao Guimarães e Luiz Duva e o libanês Ali Cherri. Guimarães ficou dois meses e meio no Gasworks Studios, em Londres, enquanto Duva passará uma temporada na residência Le Fresnoy, no norte da França, mas não deve terminar nenhum trabalho a tempo para exibir nesta edição da mostra.

Cherri, que foi premiado no último Videobrasil pela obra *Un Cercle Autour du Soleil*, está em São Paulo, onde produz um novo trabalho para o festival no edifício Lutetia, da Fundação Armando Álvares Penteado, no centro da cidade.

“É algo novo na arte contemporânea. Às vezes é só uma casa ou um ateliê alugado e as residências obrigam a interação com o entorno, a convivência também com não-artistas. Meu empenho é aumentar o número de residências artísticas na América do Sul, a exemplo da África e do Caribe. O que eu pretendo fazer no festival é isso”, explicou Solange.

O mineiro Cao Guimarães deve apresentar em outubro o filme *Somewhere Between Your Lips and Your Dreams*, fruto de sua permanência em Londres, onde morou há quase dez anos. "Estava mais com vontade de descansar do que de trabalhar", ironiza. "Então fiz um filme sobre o sono." Trata-se de uma viagem de Paris a Londres com duração de sete minutos. "É praticamente um plano-sequência inteiro do reflexo de um senhor de idade dormindo de boca aberta." Guimarães explica que optou por utilizar o som real, contínuo, hipnótico do trem com os que seriam os dos sonhos do homem. As paisagens do lado de fora se refletem do lado de dentro, como uma mistura entre o que ele sonha e o que se vê no filme.

Núcleo histórico terá filmes de Andy Warhol

Doug Aitken, videoartista que projetou em janeiro e fevereiro imagens do ator Donald Sutherland, da cantora Chan Marshall e do cantor Seu Jorge nas paredes externas do MoMA, em Nova York, para a exposição *Sleepwalkers*, também está entre os convidados da mostra expositiva. O cineasta Karim Aïnouz, diretor de *O Céu de Suely* e *Madame Satã*, deve confirmar em breve se integrará a lista de convidados. O núcleo histórico da mostra também prevê a exibição de filmes de Andy Warhol e Man Ray.

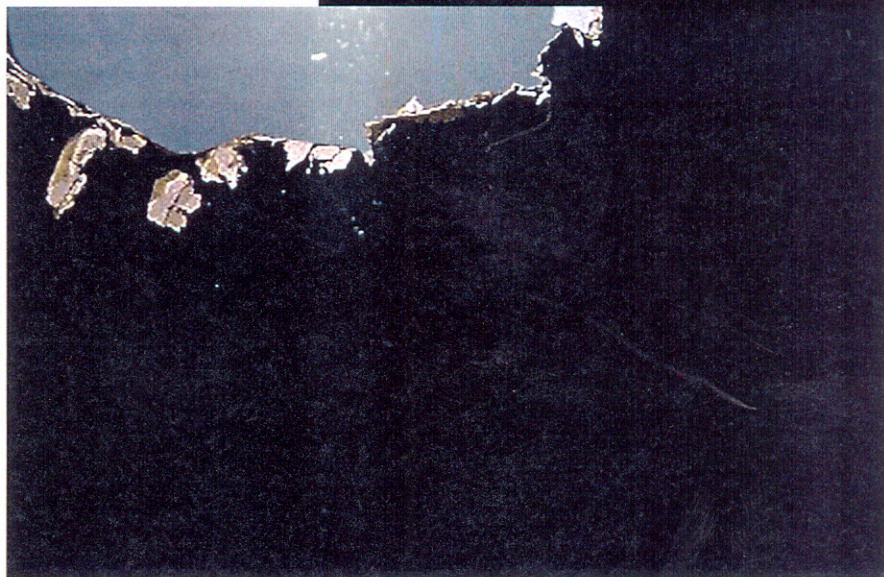
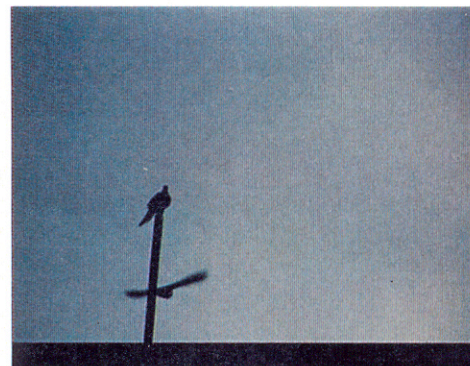
Já a mostra competitiva, com inscrições abertas até o dia 20 deste mês, deve traçar um panorama da videoarte ligada à confluência entre cinema e artes visuais de países periféricos. Farão parte desse núcleo da mostra cerca de 170 produções da América do Sul, da África, da Ásia e do Oriente Médio. "A estratégia é atrair o circuito para São Paulo e inserir uma produção diferente. O festival tira essas produções periféricas da efemeridade de um evento e cria conexões sólidas com outras linguagens", explica Solange. ■

RESIDENTE APRESENTA TRABALHO EM SP

Esta é a segunda vez que Ali Cherri troca Beirute por São Paulo. Mas agora o artista libanês vem com a experiência de uma nova guerra na bagagem. Premiado na edição de 2005 do Videobrasil com a obra *Un Cercle Autour du Soleil*, Cherri participa agora de uma residência artística no edifício Lutetia, no centro da cidade, a convite da Fundação Armando Alvares Penteado (Faap). Seu novo trabalho, *Slippage*, que será apresentado em outubro no Videobrasil, retoma, a partir da guerra entre Israel e Hezbollah, no ano passado, a investigação da vida que continua sob fogo cruzado. "Nasci no começo de uma guerra que terminou quando fiz 16 anos. Quando a nova guerra começou no ano passado e ouvi os sons dos disparos mais reais do que nunca, vi que não estava preparado para ela, mesmo tendo crescido com o conflito", contou Cherri à **Bien'Art**. O vídeo *Slippage*, que ele está concluindo em São Paulo, marca uma transição estética e uma mudança de atitude na carreira do artista que sempre viveu em Beirute. Agora ele reconhece que é hora de romper os laços com a cidade, "mesmo que ela seja nossa casa". No novo trabalho, um homem prende a respiração enquanto a cidade de Beirute se desintegra em pontos de luz dos bombardeios. Ele dialoga com a instalação *The Man Who Flew Into Space* do russo



Ilya Kabakov: um quarto coberto de objetos que remetem à exploração espacial com um buraco no teto, por onde teria saído o homem que se desmaterializa no céu. As nuvens etéreas que flutuam sobre Beirute no novo trabalho são na verdade papéis com ultimatoss do exército israelense, para que os libaneses deixem suas casas. Enquanto a cidade era bombardeada, Cherri registrou imagens dos barcos israelenses usados para realizar interferências radiofônicas em território libanês. As embarcações surgem no horizonte e uma voz em árabe, com sotaque hebraico, diz que os libaneses foram responsáveis por sua tragédia. Cherri enviou o registro aos organizadores de um festival do qual não pôde participar por causa da guerra. Ainda não recebeu a resposta.



Obra de Cherri traz ao País mais uma reação ao conflito no Oriente Médio